

AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DO TERMO CULTURA E A REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL DO JEITINHO DA BRASILIDADE¹

Sofia Maria de Oliveira e Oliveira²
Adson Manoel Bulhões da Silva³

RESUMO

Este artigo procura enfatizar como o termo cultura é abordado na contemporaneidade e como às instituições estão se adaptando e trabalhando os inúmeros termos que estão associados á palavra cultura, uma vez que cultura também é definida como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Assim, pode-se afirmar que a cultura passa a ter grande importância nesse contexto sociocultural uma vez que influenciará, com o passar do tempo, a possibilitar olhares e pensamentos inerentes ao desenvolvimento de cada indivíduo.

Palavra-chave: Contemporaneidade; Cultura; Sociedade; Indivíduo.

INTRODUÇÃO

O estudo apresentado propõe aflorar a beleza da cultura popular para a análise científica no horizonte perspectivo de Michel Maffesoli, ao propor que é preciso demarcar o caminho da pós-modernidade, da mesma maneira como fizera Descartes ao delimitar o da modernidade. O pensamento desse último e de vários outros teóricos, defensores da razão abstrata, em que a representação da ideia se separa da vida, já não consegue prevalecer na contemporaneidade, que é momento histórico em que a aparência, o senso comum ou a experiência vivida, por meio da razão interna, retomam uma importância que a modernidade havia lhes negado, a saber: é necessário iluminar os pensamentos que permaneceram na sombra da razão hegemônica, o que Boaventura de Sousa Santos chamou de ‘epistemicídios’.

Na proliferação de epistemologias do Sul, discute este autor, seria fundamental para reverter os processos de aniquilamento de epistemologias de povos e de comunidades fora deste eixo ‘modernizado’ que operam por meio de mecanismos de ‘saber-poder’ nas esferas econômica, cultural e de produção de conhecimento.

¹ Trabalho apresentado no GT- 8 (Imaginário, política científica, e relações de poder.) do III Siscultura.

² Graduanda de licenciatura em pedagogia pela universidade federal(UFAM). Instituto de Ciências Sociais Educação e Zootecnia. (ICSEZ). email: oliversofi54@gmail.com

³ Doutorando do Programa de Pós- Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) email: adson.manoel@bol.com.br

Torna-se salutar ao desabrochar das dimensões da comunicação popular, em seu viés que aborda a questão da inclusão social, de transformação social; da necessidade de uma ‘equidade cultural’, que promova as especificidades da cultura popular, visando seu reconhecimento e valorização.

Nesse prisma, por meio de pesquisa bibliográfica sobre o conceito cultura e suas representações, tornou-se perceptível o quanto é comum fazer referência ao Brasil como um país de uma cultura rica, mas de que forma se deve interpretar essa afirmação? Em que sentido, a palavra cultura, está sendo realmente utilizada? Essa é uma expressão massificada, de caráter trivial, proveniente do senso comum, no entanto, o termo cultura assume inúmeras interpretações onde a palavra cultura apresenta algumas variações semânticas.

A palavra cultura vem substituindo termos e expressões como mentalidade, tradição, identidade, ideologia e etc. No conceito popular, cultura está relacionada à identidade de um povo, ao modo de vida que identifica uma sociedade, ou ainda, conjunto de ideias, crenças, conhecimentos que caracteriza uma determinada sociedade.

A partir do século XIX, com o estrondo da segunda revolução industrial, o mundo passa por um processo de reconfiguração social. As novas técnicas e inovações são apresentadas ao mundo que, aos poucos, vão se homogeneizando e se compactando à nova sociedade burguesa-industrial. O fenômeno da globalização que, desde o século XV, vinha se articulando, passa a se proliferar, tornando o mundo uma verdadeira cadeia global, interligada e uniformizada, aonde as culturas locais vão se enfraquecendo ou mesmo desaparecendo.

Hoje, o campo das ciências humanas e sociais busca analisar e identificar novos conceitos acerca do termo cultura. Com os impactos da pós-modernidade, termos como indústria cultural, mercantilização da cultura, cultura de massa, cultura capitalista e outras variações desse tipo vem sendo discutida. A utilização dessa palavra para designar um indivíduo com amplos graus de conhecimentos e informação também é bastante comum.

Afinal, o que realmente a palavra cultura representa para o homem contemporâneo? Como e quando ela deve ser utilizada? E qual o posicionamento dos núcleos educacionais na hora de instruir os indivíduos na definição do que realmente significa cultura?

A partir da ideia de que todo Ser precisa desenvolver-se e, sociedade, surge a necessidade de se estabelecer uma relação de conhecimento no que diz respeito à ética, moral, crenças e costumes. A isso damos o nome de cultura, ou seja, aprender a cultivar, e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade como membro participativo. No entanto, cada país tem a sua própria

cultura, contudo, a brasileira é marcada por muitos fatores dentre eles a boa disposição e alegria, refletindo-se em diversas manifestações culturais.

CULTURA, CONCEITOS E COMUNICAÇÃO.

O termo cultura, em latim, passava a ideia de cultivar, proteger e honrar com veneração. Com o passar dos tempos, o caráter polissêmico que o termo foi adquirindo, se deu a partir da forma como cada sociedade utilizou-o em diferentes épocas.

Uma das características marcantes da cultura é a capacidade de adaptação que os indivíduos têm em responder às mudanças pelas quais o meio os obriga a relacionar-se. Contudo, considerada por alguns como mecanismo cumulativo de geração para geração, em que vai apenas se adequando aos aspectos para manter assim uma boa convivência.

Até o século XVIII, designava-se cultura a forma de como cada sociedade utilizava a natureza, os resultados distintos de como cada povo transformava seu espaço e criava seus símbolos, eram tidos como diferentes culturas. A partir do século XVIII e XIX, alguns pensadores passam a elaborar diferentes conceitos sobre o assunto, surgindo assim, corrente distintas de pensamentos.

As correntes de pensamento da época fomentam a discussão com a elaboração das teorias deterministas, o qual, o determinismo biológico aparecia classificando as ações humanas como resultado de impulsos genéticos e o determinismo geográfico que identificava o homem como um produto do meio onde vive, tendo seus impulsos e desejos relacionados ao seu ambiente.

Os franceses surgem com um pensamento baseado na integração intelectual e subjetiva do indivíduo, como sendo detentor de cultura somente o indivíduo intelectualizado. Já os alemães inauguram uma ideia de cultura baseada na soberania e na racionalização coletiva, tendo como cultura a integração e o desenvolvimento intelectual de um povo. Esse segundo conceito, fez emergir no espírito alemão, o que já era percebido em outros povos europeus, a ideia de superioridade racial, o “eurocentrismo”⁴ que, em particular para os alemães, gerou diversos conflitos.

Algumas teorias a cerca do texto mostram duas visões sobre cultura, de um lado a cultura como sendo uma manifestação e criação coletiva de um dado segmento social, e de outro mostra a integração intelectual do indivíduo, que propõe como resultado uma erudição individual o que se estabelece como aquisição de cultura.

⁴ Termo designado a valorização da cultura europeia (grifos nossos)

Essa variação semântica acarreta uma árdua discursão no campo da antropologia educacional. Afinal, com qual conceito deve-se trabalhar na hora de instruir o aluno? Visto que cultura na antropologia é compreendida como a totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano, cujo objetivo representa o saber experiente de uma comunidade, saber esse obtido graças à sua organização espacial, na ocupação do seu tempo, na manutenção e defesa das suas formas de relação humana.

O JEITINHO DA BRASILIDADE COMO EXPRESSÃO DA CULTURA POPULAR

Na pretensão de compreender da cultura popular, surge no complexo cultural brasileiro à cultura da brasilidade ou na sua singularidade, o jeitinho. Na vida do brasileiro, é notório que um não pode ser diferente do não com sentido negativo; ele pode significar talvez e, dependendo de uma boa conversa, pode se tornar um sim, como em muitas situações de relacionamentos cotidianos entre policiais e fiscais de trânsito. Dentre outras características, o jeitinho brasileiro encontra uma solução para aquilo que aparentemente não tem solução, não sendo as regras, normas e a própria constituição nacional, obstáculos definitivos e irrevogáveis para o comportamento. Entre outros aspectos, a moral da brasilidade é sem dúvida a mais complexa entre todos os povos. Nesse cenário vigora-se que:

O brasileiro tem noção clara dos comportamentos éticos e morais adequados, mas vive sob o espectro da corrupção, revela pesquisa. Se o país fosse resultado dos padrões morais que as pessoas dizem aprovar, pareceria mais com a Escandinávia do que com Bruzundanga. (FRAGA, 2009,p. 78)

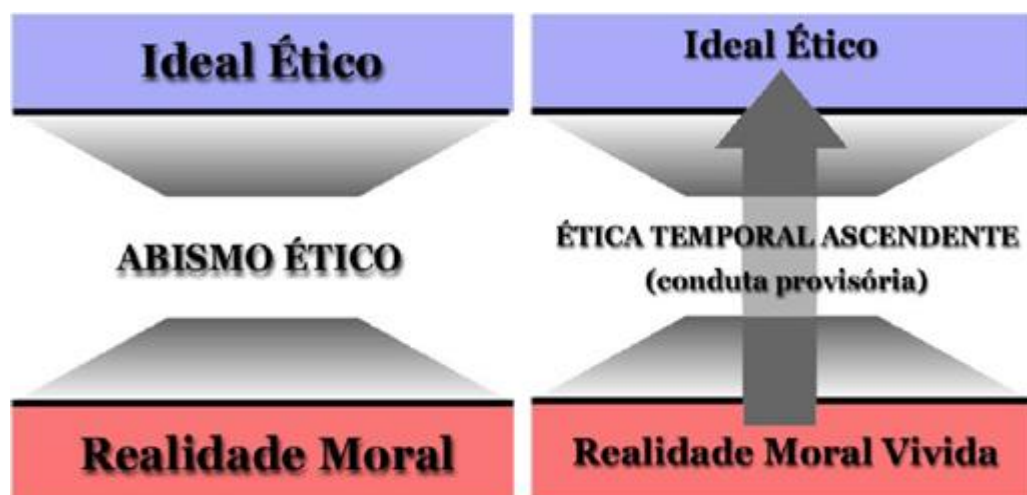
Diante desse contexto, Lourenco Stelio Rega por meio de sua obra *Dando um Jeito no Jeitinho*, promove uma contundente e criativa reflexão sobre a cultura da brasilidade. O jeito, ou o jeitinho brasileiro, é a imposição do conveniente sobre o certo. É a ‘filosofia da conveniência’ do: se dá certo é certo; desde, é obvio, que ‘dar certo’ seja ‘resolver meu problema’, ainda que não definitivamente.

Nesse prisma, assim é a brasilidade: dá jeito em tudo. Sua criatividade abrange inúmeras situações: é o pára-lama da bicicleta amarrado, em vez de soldar; são os juro contidos no valor da prestação ‘fixa’; é o ‘dar algum por fora’; é matar o avô pela sexta vez para justificar a ausência a uma prova no colégio. Mas o jeitinho é também pedir a um médico conhecido para atender uma pessoa humilde ou para fazer uma cirurgia pela Previdência; é o revezamento dos vizinhos para socorrer uma pessoa acidentada; é conseguir um emprego para um amigo desempregado.

A versatilidade do jeitinho, conforme Barlach (2009) pode resultar na combinação de elementos ou da percepção de novas configurações dos mesmos aspectos. Acredita-se que, quanto mais diferentes os elementos, maior será a criatividade da resultante, o que poderia explicar uma das vertentes do jeitinho brasileiro, a saber, a enorme criatividade associada à brasilidade. Assim, por diversas vezes denominada ‘jinga’ brasileira, aliada à valorização da pessoa em detrimento do indivíduo, são dois dos elementos que, uma vez aliados, não mais são reconhecidos individualmente, constituindo um jeitinho particular, único, vinculado à brasilidade.

Nesse pressuposto nos referenciamos na concepção de jeitinho enquanto teoria que toma como objeto de estudo aspectos da prática cotidiana de grupos silenciados que criam meios próprios para divulgar seus fazeres e saberes, ou seja, é uma teoria que permite analisar os processos comunicacionais que ocorrem nas manifestações da cultura popular.

Stelio Rega ressalta que o cidadão brasileiro também é vítima do abismo ético (figura abaixo) da cultura do jeitinho, já que, a naturalidade da ‘migué’; ou ‘fazer por fora’; tornou-se regra diante da desinformação das leis e suas abordagens. Assim, há leis sobre a vida que um cidadão comum desconhece sua existência. Dessa forma, não basta ter leis. Será preciso a implementação de políticas públicas e investimentos na educação para que as leis possam ser conhecidas respeitadas, obedecidas, fiscalizadas e aperfeiçoadas para que haja o que Rega denomina como ética temporal ascendente (demonstrada na figura abaixo).

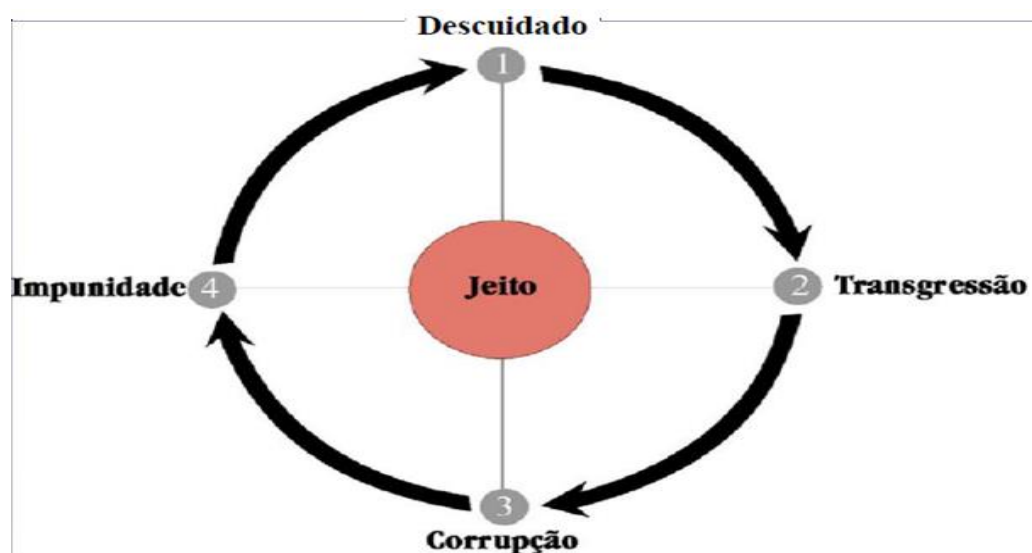


Fonte: *Dando um jeito no jeitinho*, por Lourenço Stelio Rega, São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

Dessa forma, o jeitinho é quase um código oculto de relacionamento. Basta somente que algo dê errado ou demora em resolver para pensar em como ‘dar a volta’ e, assim, transformar seu desfecho. Ele torna nítido o desejo do ser humano de não se prender às regras,

mas sim de superá-las, subjugá-las. Suspende-se temporariamente a lei, cria-se a exceção e depois tudo retorna a normalidade. Mas, ‘o povo brasileiro não nega a presença da lei, o que ele nega é a sua aplicação naquela ocasião’. Fácil assim. Justifica-se com todos os critérios da razão: pode-se pagar menos imposto de renda a um governo que não retribui adequadamente em benefícios para a sociedade e seus contribuintes, por que fazê-lo? Assim, fica evidenciada a influência da cultura nacional brasileira, incluindo o jeitinho como um de seus traços característicos, nos processos organizacionais.

Nessa perspectiva, Lourenço Stelio Rega ilustra em sua obra *Corrupção – o ciclo vicioso* (demonstrado na figura abaixo) do jeitinho, que na concepção do pensador é a gênese das lástimas que assombram a vida do povo brasileiro em seus diversos aspectos.



Fonte: Dando um jeito no jeitinho, por Lourenço Stelio Rega, São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 104.

Portanto, é nesse sentido que a inconsistência da ação governamental em áreas como a segurança pública, a fiscalização e o planejamento da política tributária e financeira leva o cidadão a uma situação tal que sua única saída no momento é o jeitinho, a ‘escapada’. Em suma, a negligência generalizada das autoridades públicas quanto às reais necessidades do povo gera o ‘salve-se quem puder’, que por sua vez sustenta o jeitinho e incentiva o descumprimento das normas. Desta à corrupção é apenas um pequeno passo. Tão logo se estabeleça, a máxima do ‘se dá bem’ acolhe a impunidade e o egoísmo. Plenificando o jeitinho do ‘malandro é malando e mané é mané’.

CULTURA: A COMUNICAÇÃO DOS MARGINALIZADOS.

A partir das Revoluções burguesas e da conseqüente queda dos Impérios Absolutistas, o mundo passa a se reconfigurar aos moldes burgueses. Começa a partir daí uma interação global, acarretada pela expansão da indústria.

Os títulos da nobreza foram abolidos, e o modo de vida burguês passa ser almejado pela população que, mais tarde, será denominada como sociedade consumista. As lutas de classes se intensificam, mas a burguesia é mais forte, desenvolve o *marketing* e prolifera a Mercantilização dos seus hábitos, tornando-os paradigmas globais.

Com a burguesia no poder e o Estado a seu favor, foi mais fácil elaborar teorias que lhes davam o ‘direito de intervenção’ nas sociedades mais simples, criando dessa forma a ideia de superioridade racial, que se justificavam a partir da ‘caridade’ de levar a civilização aos povos primitivos. Essa intervenção e dominação desintegrou a organização local dessas sociedades, que passaram, a partir daí, a se reorganizarem de acordo com os hábitos dos invasores, tornando suas tradições segregadas e reduzidas.

Aos poucos, os hábitos do antigo regime foram abolidos, e as inovações passam a ser disseminados nas áreas periféricas. Com a humanidade partilhando dos mesmos costumes, intensificou-se a globalização. As tradições passam a serem minorias, e a humanidade assume outra postura diante da nova sociedade que emerge.

Com a nova sociedade burguesa, novos termos surgem. E o termo cultura ganha novos significados, porém como podemos conceituar cultura no mundo contemporâneo? Podemos ainda hoje identificar culturas híbridas, sincréticas ou genuinamente puras? Na pós-modernidade existe uma enorme confusão na hora de definir esse termo, confundindo também professores e alunos na hora de explica-lo e compreende-lo.

Partindo da ideia de que comportamentos, costumes e gostos particulares não podem ser analisados a partir de análises biológicas, a cultura, na contemporaneidade, se mostra como um fenômeno social que aparece como um mosaico de informações, ideias, gostos, conceitos e costumes que de uma forma geral, chega aos indivíduos de forma involuntária, através dos instrumentos de massificação, exigindo desses indivíduos um esforço para decidir, interpretar ou seguir os variados padrões e estilos de vida que surge com a sociedade pós-industrial. Dessa forma, Bauman (2004) esclarece a dificuldade da existência de padrões em tempos de vida superficial. O pensador destaca que:

Nossos ancestrais eram esperançosos: quando falavam de “progresso”, se referiam à perspectiva de cada dia ser melhor do que o anterior. Nós estamos assustados: “progresso”, para nós, significa uma constante ameaça de ser chutado para fora de um carro em aceleração. De não descer ou embarcar a

tempo. De não estar atualizado com a nova moda. De não abandonar rapidamente o suficiente habilidades e hábitos ultrapassados e de falhar ao desenvolver as novas habilidades e hábitos que os substituem. Além disso, ocupamos um mundo pautado pelo “agora”, que promete satisfações imediatas e ridiculariza todos os atrasos e esforços a longo prazo. (BAUMAN, 2004.)

Ao analisar a cultura como sendo produto de dominação ideológica, vários autores procuram demonstrar que não se podem utilizar esses dois conceitos separadamente, pois há uma profunda relação entre eles, sobretudo no que diz respeito ao processo de dominação nas sociedades capitalistas.

O pensador italiano Antonio Gramsci (1891-1937), analisa essa questão com base no conceito de hegemonia no que ele denominou de aparelhos hegemônicos. Por hegemonia pode-se entender o processo pelo qual uma classe dominante consegue fazer que o seu projeto seja aceito pela classe dominada, desmantelando a concepção de mundo autônoma de cada grupo potencialmente adversário. Isso é feito por meio dos aparelhos de hegemonia, que são práticas intelectuais e organizações no interior do Estado ou fora dele (livros, jornais, escolas, música, teatro, etc.). Nesse sentido, cada relação de hegemonia é sempre pedagógica, pois envolve uma prática de convencimento, de ensino e aprendizagem.

Segundo Gramsci, uma classe se torna hegemônica quando, além do poder coercitivo e policial, Utiliza a persuasão, o consenso, que é desenvolvido mediante um sistema de ideias muito bem elaborado por intelectuais a serviço do poder, para convencer a maioria das pessoas, até as das classes dominadas. Por esse processo, (Gramsci,1999, p.27) diz se criar uma “cultura dominante efetiva” que deve penetrar no senso comum de um povo, com o objetivo de demonstrar que a forma como aquele que domina vê o mundo é a única possível.

A ideologia não é o lugar da ilusão e da mistificação, mas o espaço da dominação, que não se estabelece somente com o uso legítimo da força pelo Estado, mas também pela direção moral e intelectual da sociedade como um todo, Utilizando os elementos culturais de cada povo.

Mas, Antonio Gramsci destaca a possibilidade também de haver um processo contra-hegemônico, cunhado por intelectuais orgânicos, vinculados à classe trabalhadora, na defesa de seus interesses. Contrapondo-se à revelação dos ideais burgueses por meio da escola, dos meios de comunicação de massa, etc. eles combatem nessas mesmas frentes, defendendo outra forma de “pensar, agir e sentir” na sociedade em que vivem. Dessa forma, Beltrão (1980) salienta com *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*, em que estuda os grupos marginalizados. É no grupo que o ser humano massificado retoma sua identidade e

pode ter sua liberdade de expressão resgatada por meio da expressão de seu povo contidas na subjetividade da cultura.

Pierre Bourdieu, pensador francês da segunda metade do século XX, revelou o conceito de violência simbólica para demonstrar formas culturais que impõem e fazem que se perpetuem, uma verdade que sempre existiu e não pode ser questionada, um conjunto de normas e regras não escritas nem ditas. Bourdieu utiliza a palavra *doxa* para designar esse tipo de concepção e prática social tradicional, estável, em que o poder é revelado como natural.

Nesse contexto, surge o que Bourdieu denomina como a naturalização da história, condição em que os fatos sociais, independentemente de ser bons ou ruins, passam por naturais e tornam-se uma ‘verdade’ para todos. Esse fato Emile Durkheim designa como poder generalizador dos fatos sociais. Um exemplo evidente é a dominação masculina, vista em nossa sociedade como algo ‘natural’, já que as mulheres são ‘naturalmente’ mais fracas e sensíveis e, portanto, devem se submeter aos homens. E todos aceitam essa ideia e dizem que isso foi, é e será sempre assim. Diante disso, Bourdieu ressalta que é pela cultura que os dominantes garantem o controle ideológico, desenvolvendo uma prática cuja finalidade é manter o distanciamento entre as classes sociais. Assim, existem práticas sociais e culturais que distinguem quem é de uma classe ou de outra: os ‘cultos’ têm conhecimentos científicos, artísticos e literários que os opõem aos ‘incultos’. Isso é resultado de uma imposição cultural (violência simbólica) que define o que é ‘ter cultura’.

A violência simbólica ocorre de modo claro no processo educacional. Quando entramos na escola, em seus diversos níveis, devemos obedecer sempre a um conjunto de regras e absorver um conjunto de saberes predeterminados, aceitos como o que se deve ensinar. Essas regras e esses saberes não são questionados e normalmente não se pergunta quem os definiu.

Theodor Adorno e Max Horkheimer, pensadores alemães da Escola de Frankfurt, objetivaram verificar a relação entre cultura e ideologia com base no conceito de indústria cultural⁵. Em 1947, apresentaram esse conceito no texto *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. Na obra, afirmavam que o conceito de indústria cultural permitia explicar o fenômeno da exploração comercial e a vulgarização da cultura por meio da forte mercantilização promovido pelos meios de comunicação de massa, como também a

⁵ Indústria cultural, foi termo concebido pelos teóricos da escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer. As reflexões acerca desse tema surgiram a partir de uma “cultura industrializada” vista no período do nazismo, pois toda arte produzida era dirigida somente àquele sistema. Já nos Estados Unidos, Adorno vê o sistema da indústria cultural de forma “enrustida” principalmente no entretenimento, e é através do cinema, por exemplo, que a indústria cultural se faz presente e nos apresenta uma comunicação de massa, pois neste caso tinha o intuito de “desviar” os olhares da população aos problemas sociais da década de 30.

ideologia da dominação. A preocupação básica era com a emergência de empresas interessadas na produção em massa de bens culturais, como qualquer mercadoria (roupas, automóveis, eletroeletrônicos, etc.), visando exclusivamente ao consumo, tendo como fundamentos a lucratividade e a adesão incondicional ao sistema dominante. Diante disso, Nunes (1989) ressalta-se que;

“Uma das mais importantes transformações a que estamos assistindo hoje, em decorrência dos meios técnicos de reprodução de imagens – fotografia, cinema, televisão, é, segundo Walter Benjamin, a perda da aura das obras de arte, que, reproduzidas, divulgadas e vulgarizadas, para satisfazer às necessidades da cultura de massa, multiplicam-se em grande número, tornando-se familiares e banais”. (NUNES, 1989, p. 116)

Portanto, diante da nova configuração social, seria a cultura uma alienação, uma vez que a alienação só existe por causa da comunicação? A alienação é passada de um comunicador que possui uma informação nova (verdadeira ou não) e é recebida por um receptor que até então desconhecia o assunto, sendo alienado por esse comunicador. A partir disso, nota-se que tudo pode ser considerado mensagens alienadas, pois esta cultura é hipnotizante, entorpecente, indutiva. Ela é introjetada no ser humano de tal forma, que se torna quase inevitável o seu consumo, principalmente se a massa não tem o seu olhar e a sua sensibilidade educados de forma apropriada, e o acesso indispensável à multiplicidade cultural e pedagógica. Com este manancial de recursos, é possível criar modalidades de resistência a essa cultura impositiva.

CONSIDERAÇÕES

As pesquisas recentes que estudam questões sobre cultura popular identificam, entretanto, que é necessário refletir no que diz respeito à tradição e transformação cultural como fatores complementares entre si e não excludentes, ou seja, o termo cultura não implica, necessariamente, uma recusa à mudança, da mesma forma que a modernização não exige a extinção das tradições e, portanto, os grupos tradicionais não têm como destino banal ficar as margens da modernidade.

Diante da perspectiva histórica, o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e atritos entre formas diferentes de organizar a vida social, de conceber a realidade e expressá-la. A cultura expressa às características que vinculam e diferenciam os agrupamentos humanos. Um dos maiores exemplos está na forma de como as práticas educacionais ocorriam estavam relacionada com a cultura. Em cada época os indivíduos

instruíam suas crianças de acordo com os seus hábitos, costumes, crenças leis e na nossa época não é diferente.

Na Antiguidade Clássica, sobretudo em Atenas, as crianças eram tuteladas nas artes como a poesia e a literatura, na filosofia, e também, eram orientados para as práticas democráticas. Paralelo a isso as crianças espartanas eram orientados para a guerra.

Durante a Idade Média, predominou o pensamento teocêntrico, a educação era baseada nos moldes da Igreja Católica, o europeu era educado para ser um cristão devoto e honrar e respeitar as escrituras bíblicas. Posteriormente, na Idade Moderna, o conhecimento marítimo, leitura de mapas e as práticas comerciais passam a integrar o universo educacional dos europeus que não se encontrava mais restritos somente à Igreja Católica.

Na contemporaneidade, a educação está voltada para integrar o indivíduo no mundo capitalista, isso é perceptível ao se observar a obrigatoriedade do ensino de língua inglesa nas escolas públicas e particulares. O ensino das escolas hoje tem o propósito de preparar o aluno para ingressar nas Universidades integrar-se na estrutura social capitalista.

Ainda no século XIX, alguns filósofos criticaram o grau de funcionalidade dos ensinamentos universitários. Pensadores como Nietzsche e Schopenhauer alegavam que, o ensino acadêmico limita e padroniza o conhecimento, que esse ensino não é suficiente para a manutenção da vida em sociedade tornando o homem limitado. Para esses pensadores o ensino acadêmico é erudito e racionalista. Para eles, ensino teria que ser livre, longe de paradigmas que tolhem e limitam a capacidade de renovação do conhecimento.

Portanto analisa-se que na atualidade, o mesmo “povão” que cria as representações e as tradições populares são os mesmos que elegem e escolhem o modelo de governo, o Estado torna-se a representação do povo, porém esse mesmo Estado que é legalizado pelo povo protege a burguesia. A burguesia por sua vez investe na cultura industrial que enfraquece as culturas regionais e ainda, esse mesmo Estado é responsável pela educação do povo. Partindo desse pressuposto questiona-se: será o próprio povo o maior responsável pelo enfraquecimento e massificação da cultura popular?

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros**. RJ: Elsevier, 2006.
- BARLACH, Lisete. “**A criatividade humana sob a ótica do empreendedorismo inovador**”. Tese de Doutorado. SP: IPUSP, 2009.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BOAVENTURA, S. S Meneses, M.P **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina , 2009.
- FRAGA, P. **Ninguém é inocente**. Folha de S. Paulo. 4 out. 2009.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere** – Volume 1, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- MATTA, Roberto A. da. **Você tem cultura?** In Explorações: Ensaio de Antropologia Interpretativa, Rio de Janeiro: Rocco,1986.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia.“**Entrevista com Zigmunt Bauman**”, Tempo Social, vol. muito 16, nº 1, São Paulo, Junho de 2004.
- REGA, Lourenço Stelio. **Dando um jeito no jeitinho: como ser ético sem deixar de ser brasileiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.